

FERNANDO DE AZEVEDO*

Florestan FERNANDES

O Professor Antonio Cândido nos fez um relato psicológico, histórico e, ao mesmo tempo, sociológico de Fernando de Azevedo. Não posso, nem nunca competi com Antonio Cândido. Ao contrário, sempre o admirei muito. Acho que ele foi um *scholar* exemplar da Universidade brasileira. Por sua dedicação, pela capacidade que tem de ser tão humano quanto demonstrou aqui, pelas posições que sempre manteve ao longo da vida. Sinto orgulho por sermos colegas fraternos. Eu, que nunca tive irmãos, elegi em Antonio Cândido a figura do irmão. Nós dois vivemos durante alguns anos ao lado de Fernando de Azevedo - e isso justifica esta nota introdutória.

Não podemos dizer que o conhecemos, porque não somos psicanalistas e, se o fôssemos, provavelmente o conheceríamos ainda menos, por causa da complexidade de seu caráter e de seu comportamento. De qualquer forma, o Antonio Cândido "fechou a conta".

Creio que a mim resta fazer algumas ponderações, porque se trata de um depoimento que diz respeito à minha relação pessoal com Fernando de Azevedo. Porque, afinal de contas, alguém como eu, que nunca foi aluno do Fernando de Azevedo, acabou sendo seu assistente, convivendo com ele durante longos anos. É também sobre as experiências que tivemos juntos - muitas vezes desagradáveis para ele - e a alegria que ele me proporcionou, graças a seu lado altruísta e, ao mesmo tempo, tolerante de encarar a rebeldia dos colaboradores. Nos éramos dois rebeldes. Pode-se dizer que Antonio Cândido era o rebelde com luva de pelica, e eu era o rebelde que não sabia usá-la.

A minha relação com o Professor Fernando de Azevedo começou da maneira mais estranha. Devido à pobreza, eu vivia na casa da enteada de minha

* Depoimento prestado na "Semana Fernando de Azevedo, promovida pela Faculdade de Educação e pelo Instituto de Estudos Brasileiros da USP, de 12 a 15 de abril de 1994.

madrinha. Tinha que sustentar minha mãe. Então o dinheiro ganho no trabalho era usado para sustentá-la. Por isso morava com Ivana Pirman de Castro e José de Castro, que me proporcionaram um lar no qual pude viver com o conforto que não teria em minha própria casa.

Um dia Dona Ivana deu-me um recado: "O Dr. Fernando de Azevedo quer falar com você". Eu disse: "Dr. Fernando de Azevedo?" "Sim, Dr. Fernando de Azevedo". "Mas como? Acho que a senhora tomou a anotação errada". Ela disse: "Ele ligou, queria falar com você e me pediu extrema urgência em lhe dar o recado". Isso foi em 1942. Eu havia ingressado como aluno na Faculdade de Filosofia no ano anterior. É uma vergonha, porque entrei tão velho... Mas fiquei na dúvida: Telefone ou não telefone? O que ele pode querer de mim? No fim, liguei para ver. Fernando de Azevedo atendeu e disse: "Tomei a liberdade de ligar para sua casa porque soube através de colegas, de pessoas, professores da Faculdade, que você tem sido um aluno especial. Você atraiu a minha atenção por causa dos comentários que fizeram sobre seus trabalhos". Eu havia feito dois, um sobre a desintegração do folclore e outro sobre a relação entre os folclores e a urbanização de São Paulo, para a cadeira de Sociologia I, do Professor Roger Bastide. O Dr. Emílio Willems solicitou o trabalho e, por iniciativa de Bastide, pediu para que eu publicasse alguns artigos na Revista de Sociologia. Willems disse a Fernando de Azevedo que eu tinha talento de pesquisador. É uma espécie de talento que eu não sei definir muito bem, nessa altura da vida, mas que naquela época dava sentido a todas as minhas esperanças. Então Fernando de Azevedo continuou: "Eu queria ajudá-lo, e ponho à sua disposição a minha biblioteca, a minha orientação e o dinheiro que você precisar para resolver qualquer problema que tenha que enfrentar".

Essa é uma coisa extremamente rara no Brasil. Um homem com a sua importância se preocupar com um aluno da Faculdade de Filosofia, incógnito para ele, e abrir não só a bolsa, mas também sua inteligência. Aquilo representou um grande estímulo para mim. Como eu estudava folclore e tivera uma experiência

humana iniciada aos seis anos, aprendi que não se devia aceitar favores a não ser em casos extremos, pois eles beneficiam mais quando não se abusa deles.

Então respondi: "Agradeço muito sua oferta e, se precisar, irei ao encontro do senhor. Mas fico muito comovido com o que está acontecendo". Ao que ele falou: "Por que você não passa na Companhia Editora Nacional? Eu dirijo uma coleção. Estou lá". Agora não me lembro se às segundas e quartas ou terças e quintas. O fato é que ele ia à Nacional em alguns dias fixos. A Editora ficava na rua dos Gusmões, de fácil acesso para mim, devido ao trabalho que eu estava fazendo naquela ocasião.

Um dia tive coragem e fui até lá falar com Fernando de Azevedo. Apresentei-me e ele me recebeu como se eu fosse um velho amigo, convidando-me a voltar lá outras vezes. Disse-me: "Olha, venha conversar comigo. Gostaria de conhecer suas idéias, sua pessoa e estou sempre aqui no dia em que você quiser". "Preciso marcar dia e hora?" "Venha quando quiser", respondeu, "As portas estão abertas para você". Voltei lá diversas vezes, até que, certa ocasião, quando Fernando de Azevedo já era diretor da Faculdade de Filosofia, encontrei-o andando pelo corredor, cercado, como sempre, por uma plêiade de pessoas. Ele se impunha com aquele ar nobre como se fosse um príncipe da corte de Luiz XIV guiando seu séquito. Então, ele me atraiu como um protegido e disse: "O que você acha da Faculdade de Filosofia?" "Eu acho a Faculdade de Filosofia a escola mais importante que nós temos hoje no Brasil". "Você gostaria de pertencer à Faculdade de Filosofia?" "Bom", respondi, "Gostaria, mas esse é um objetivo muito difícil". Como aquele personagem tratado por Thomas Mann na trilogia sobre José, eu procurava "aformosear" meu destino naquele momento. E continuei: "É muito complicado abrir as portas da Faculdade de Filosofia para uma pessoa como eu". E ele, com aquele ar decidido: "Isso nós veremos".

Ficamos assim. Eu o visitava, nós conversávamos. Sempre fui aluno de sociologia do Professor Roger Bastide e, por quase um ano, do Professor Paul-Arbousse Bastide. Mesmo no curso de Didática pois, por acaso, o Dr. Fernando de Azevedo não me deu o curso de Sociologia Educacional, substituído por Roger

Bastide. De modo que passei de ponta a ponta como estudante do Professor Roger Bastide. Aquilo me surpreendeu, porque um homem como ele, acenando-me com essa possibilidade - voltar-me para a Faculdade de Filosofia - só fez aguçar as minhas ambições.

Aliás, eu já procurara a Faculdade de Filosofia para ser professor de Ensino Secundário ou Normal. Havia em 37, 38, 39, 40, não sei até quando, a possibilidade de um registro precário de professor. Eu tinha esse registro e podia lecionar. Através do Professor Enio Chiesa, que pertencia ao Ginásio Riachuelo, fui indicado para uma escola aqui em São Paulo que estava procurando professores e tinha um nível de pagamento correspondente à metade de um salário normal. A pessoa encarregada da seleção não teve qualquer pudor em dizer: "O senhor assina o seu nome e deixa esta área em branco que o colégio preenche. Desde já devo esclarecer que o senhor vai receber metade do salário normal". Agradei e saí. Fui então tratar de ser professor formado pela Faculdade de Filosofia, como licenciado. Naturalmente preferiria fazer um curso de engenharia química, mas este estava muito longe das possibilidades, porque seria preciso tempo integral e eu não dispunha desse tempo todo.

Agora, o fato é que a relação com Fernando de Azevedo foi um choque para mim, porque instigou uma ambição que eu não carregava comigo: a de ser algum dia professor da Faculdade de Filosofia. Vejam como a ocasião faz o ladrão... Eu, a partir daquele momento, mudei a perspectiva sobre a minha vida futura, graças a esse episódio de um encontro em que percorríamos - o Dr. Fernando e eu - uns 15 ou 20 metros do corredor da Faculdade de Filosofia, que naquela ocasião funcionava no 3º andar, na Escola Normal Caetano de Campos.

Depois disso, os encontros com ele foram realizados na Companhia Editora Nacional e não se falou mais no assunto. Terminei meu curso e o Professor Paul Hugon tinha gostado do trabalho que preparara para ele, também em 41, sobre a evolução do comércio exterior no Brasil de 1822 a 1940. Hugon me disse: "Isso aqui é a base de uma tese de doutorado. Se você quiser fazer doutorado com este trabalho, será o meu assistente". Já era uma coisa muito mais concreta e vinha

depois da proposta meio evanescente do Dr. Fernando. Quando me formei não pensava que seria convidado por ele e refletia: "Certamente já se esqueceu..." e, nas conversas, nunca lembrei que ele tinha aberto aquela perspectiva. A minha surpresa foi que realmente ele se lembrava e me convidou para ir à casa dele para conversarmos sobre o assunto.

É algo curioso. Aí vocês vão ver a sua personalidade. Eu canhestramente disse a ele: "Dr. Fernando, o senhor tem toda a responsabilidade neste convite. O senhor está convidando um aluno... eu não sou um professor. O senhor deveria chamar um professor, essa é a sua responsabilidade. Se eu falhar, aí o senhor não pode transferir a culpa para mim". Ele levou um susto. Acho que pela primeira vez na vida, ele se deu conta que não se convida um assistente aleatoriamente. E quem me salvou foi o Antonio Cândido.

Não sei se o Antonio Cândido lembra, mas ele, naquela perplexidade, estava mais ou menos inclinado a dizer: "Acho que você tem razão, é melhor procurar outro assistente". Aí o Antonio Cândido disse: "Olha, Dr. Fernando, nós todos sabemos muito bem que o Florestan é burro, que não sabe nada, que incompetente não pode ser assistente". Dr. Fernando deu uma gargalhada e o convite ficou acertado. Outros me procuraram e eu recusei com bom senso. Mas não vem ao caso contar agora, porque eu estou falando de Fernando de Azevedo e já abusei demais ao me colocar no cenário exatamente para explicar o caráter desse homem, que não tinha os preconceitos que depois se instalaram na Faculdade. Eu próprio só procurei assistentes dentro de um circuito muito fechado de alunos. Com critérios estritos, sem essa amplitude de visão a posteriori, muitos anos depois, descobri que se tivesse agido de outra maneira, os resultados provavelmente seriam os mesmos ou, quem sabe, até melhores. Aqui está o retrato de um homem que sente-se faquir perante os princípios, porque tem a audácia de ir além das normas e até do bom senso.

Tivemos outras situações que poderiam ser pitorescas, se não fossem as implicações que envolviam. Vou poupá-los disso, embora sejam episódios muito importantes para analisar o caráter de Fernando de Azevedo. Relacionados

comigo, foram episódios que envolveram pedidos de demissão que o Antonio Cândido não chegou a conhecer, a menos que o Dr. Fernando tenha cometido indiscrições.

Trabalhamos juntos, ele nos delegou e nós dávamos cursos. Houve a revolução das notas e aí vale a pena contar porque é interessante ver como as coisas se passavam na cabeça dos professores brasileiros, que tinham a capacidade de lecionar numa universidade. Eu corrigia as provas, uma das coisas que o Dr. Fernando não gostava de fazer. Então eu ficava com uma parte e o Antonio Cândido com outra. Certa vez, corrigindo provas, dei dez ao hoje Professor Doutor Roque Spencer Maciel de Barros. Dr. Fernando opunha-se a que se desse dez. Quando viu a nota, fez um ar contrariado. "Você pôs dez. Mas dez por quê?". "Porque foi um trabalho muito bem feito para um estudante". Ele disse: "Bem, eu venho de uma tradição, de uma escola, na qual dez era para Deus, nove para os professores e, para alunos excepcionais, a partir de 8". Eu disse: "Bem, Doutor, então o senhor passe a ler as provas porque os nossos critérios de nota colidem". Aí ele aceitou o dez. No ano seguinte, corrigindo provas, Antonio Cândido deu dez à Maria Isaura Pereira de Queiroz. Aí o Dr. Fernando olhou assim de uma maneira sarcástica: "Vocês estão querendo tornar o dez uma nota sem significado". Antonio Cândido disse: "Ao contrário, esse trabalho merece dez e é a nota que eu dei, a nota que o senhor deveria dar; porque é um trabalho excepcional, então vale dez". Fernando de Azevedo ficou desolado: "Pronto. Acabou. Não sei mais como defender critérios de avaliação". Quer dizer, aí ruiu um tabu que vinha das escolas normais e da mentalidade que prevalecia entre professores a respeito da graduação da inteligência.

Agora, no meu convívio com Fernando de Azevedo como assistente, tenho que esclarecer que nós éramos assistentes, por assim dizer, pela metade. A outra metade, éramos amigos. O assistente começava a funcionar a partir do momento que ele entrava e quando se tratava de assuntos da cadeira. Fora disso, tínhamos um convívio que nos levava a um bar para tomarmos um aperitivo ou, então, como ocorreu comigo num conflito que nós tivemos... Eu não estava querendo

ceder numa das ocasiões em que o Antonio Cândido não teve a oportunidade de me salvar. Fernando de Azevedo não queria de maneira nenhuma que eu desse um passo que eu ia dar. Aí ele disse: "Vamos dar uma passeio na Barão de Itapetininga". "Mas, doutor, não tenho nada a fazer na Barão de Itapetininga". "Mas eu tenho". Eu falei: "O que o senhor tem a fazer na Barão de Itapetininga?". "Tenho que comprar perfume". Eu falei: "Não me consta que o senhor precise de perfumes a esta hora". "Pois é, mas tem cada moça bonita vendendo perfume..." E lá fomos nós atrás dos perfumes e tudo acabou da maneira mais amigável.

Esse é o lado mais humano de Fernando de Azevedo. Nós éramos subordinados e uma espécie de auxiliares que ele via com muito egoísmo. Ele não estava lá querendo que nós fizéssemos carreira. Ele próprio queria fazer a nossa carreira, queria promover a nossa ascensão no curso e esta era uma matéria na qual não se podia mexer. Eu não posso contar alguns exemplos, para ilustrar, mas ele estava decidido que nós seríamos professores e quem nos levaria as cartas seria ele. Quer dizer, absorveu ambições que deveriam ser nossas e isso, eu notei, chegava até a nos prejudicar, porque, é claro, nem eu nem o Antonio Cândido somos pessoas de ambição destituída de valor. Nós tínhamos um senso de valor e havia um conflito de geração. Esta relação que ele teve conosco era nitidamente amorosa, mas ao mesmo tempo era uma relação de posse, que ditaria uma espécie de capacidade dele em decidir o nosso destino.

A única pessoa com quem ele conseguiu ir até o fim nesta relação entre professores de valor foi exatamente com alguém que não trabalhou na carreira, que foi o Professor Cruz Costa, no episódio que o Professor Antonio Cândido contou a respeito do AI-5. Ele entrou com o Professor Cruz Costa na sala em que este foi argüido por um coronel e depois ficou sentado ali esperando a minha vez de ser interrogado. Aí eu disse: "Dr. Fernando, o senhor não vai entrar comigo nessa sala. Prefiro ser preso aqui do que ter alguém que me defenda, que pretenda me defender desta represália que estamos sofrendo". Ele ficou muito contrariado comigo. Naturalmente estava fazendo aquilo por puro altruísmo e compartilhando erros que não cometeu. Porque no meio de toda a luta contra a ordem existente,

nós cometemos erros e acertos. Os responsáveis éramos nós que os cometemos. Eu cheguei a dizer ao Dr. Julio de Mesquita Filho, que me tirou de uma das listas de cassações em 1964: "Olha, Dr. Júlio, o senhor tome tento no fato de que eu sou seu inimigo de classe e se houvesse uma revolução que nos pusesse frente a frente, e o senhor fosse condenado à morte, eu concordaria com isso sem nenhum tipo de angústia. Portanto, não posso aceitar do senhor uma coisa que eu não faria, e nunca mais se envolva em tentativas de me proteger".

Fernando de Azevedo se lançou - parece que era uma característica dessa geração de homens - de um passado que está próximo de nós, mas que ao mesmo tempo está longe. Era uma espécie de consenso de elite. "Está decidido que se fulano cometeu um erro, esse erro deve ser defendido por mim. Se ele vai sofrer alguma punição, eu compartilho da punição e vou defendê-lo até onde me for possível". É uma mentalidade heróica, mas que calhava mal na situação que nós estávamos vivendo. Esse tipo de solidariedade desapareceu. Ninguém mais hoje faz isso. Agora se o erro fosse um erro de caráter, de corrupção, a coisa era diferente. Por exemplo, um tesoureiro da Faculdade de Filosofia muito amigo dele - um protegido - cometeu um delito que ele considerava inaceitável. A pessoa perdeu o cargo e perdeu junto a amizade do Dr. Fernando de Azevedo. Aí eu estranhei, porque para os nossos critérios, nós estenderíamos a mão a esta pessoa, ainda que não aprovando o ato, não é? Vejam como os valores mudam e como as coisas se passam.

No trabalho tivemos diretrizes um pouco diferentes, porque, no campo da Sociologia da Educação, por exemplo, quando o Antonio Cândido trabalhava nessa área, levava para a sala de aula um conjunto de obras que o Dr. Fernando não chegou a conhecer. O que não o impediu de ter escrito um manual de primeira qualidade. O que nós recebemos do passado era ainda a escola superior isolada, na qual havia as exceções. Como disse o Antonio Cândido, o grande homem podia ir além do grande intelectual, e ele compartilhava das duas condições. Mas nós vínhamos de uma influência contraditória. De professores franceses, italianos, eu não digo portugueses, mas havia portugueses; havia professores alemães e de

várias nacionalidades, russos naturalizados norte-americanos. Nós tínhamos uma visão do mundo que correspondia àquilo que os pioneiros da Educação Nova queriam instalar através do manifesto deles. Eles queriam desencadear no Brasil a revolução educacional burguesa. Quer dizer, eles queriam nos colocar em pleno século XX. Mas, na prática, isso tudo era um ideal, porque eles próprios não tinham meios para chegar a estes fins e com isso, então, havia divergências nas relações que se estabeleciam entre nós.

Às vezes, até a maneira enfática que eles usavam para sublinhar o que pretendiam ensinar, levou os elementos da geração que vinha logo depois de nós a ridicularizar o Dr. Fernando. Isso porque ele, na aula, quando dava um curso de sociologia de âmbito católico - no sentido universal - começava na antiguidade e terminava no presente, embora o eixo fosse a sociologia positiva francesa. Ele batia com o sapato no chão para salientar o que estava dizendo e citando. Por exemplo, Comte: "Não confundam Comte, filósofo francês com Kant, filósofo alemão. Comte e Kant, são dois filósofos distintos". Isso fazia com que os alunos reagissem de uma maneira negativa e não avaliassem o que representou, para pessoas da geração dele, chegar a escrever um livro, como Princípios de Sociologia, que era o melhor manual que havia aqui, teoricamente, de sociologia geral. Percorreram todo um caminho que nós vencemos sem o ponto de partida e de apoio dos professores estrangeiros, com os quais nós tínhamos um outro problema que era o problema da autonomia - receber o conhecimento sem fazer o papel do colonizado.

Eu acho que pode ser um traço de orgulho meu, mas duas pessoas deram muito mais saliência a esse respeito da colonização: um foi o Fernando Henrique e o outro fui eu. Cheguei a afirmar que no Brasil não houve descolonização. Porque a descolonização se engataria à revolução urbana, à revolução agrária, à revolução industrial, à revolução educacional, etc. Agora, Fernando de Azevedo estava empenhadíssimo, com a geração a que ele pertencia, em derrotar o passado que estava vivo no presente através da educação e da cultura. Se vocês lerem a história da Associação Brasileira de Educação e a biografia de autores como Anísio

Teixeira, Lourenço Filho, Almeida Júnior e outros - juntamente com a de Fernando de Azevedo que, com Anísio Teixeira, são as duas maiores figuras da educação moderna no Brasil daquele momento - vocês constatam que eles pretendiam, ao contrário dos patrocinadores da fundação da Faculdade de Filosofia e da Escola de Sociologia, colocar o Brasil em um novo patamar. E é característico que esses professores, que fizeram um papel tão grandioso, não lograram atingir os objetivos visados. Por que? Porque no Brasil, para as elites das classes dominantes, o que era importante, o que era funcional, era deseducar, não educar; educar os filhos das elites e deseducar a massa, manter a massa fora da escola ou então colocar a massa dentro da escola como futura mão-de-obra qualificada ou semi-qualificada, de vários graus de desenvolvimento econômico. E nesse ponto, Fernando de Azevedo foi uma figura que desempenhou papel muito importante, e que nos obrigava a ter respeito por ele, respeito intelectual.

Não vou citar o nome de um outro professor, que pertenceu à mesma geração dele, que teve até uma certa importância para mim. Isso porque uma vez, como aluno, eu estava dando aula, indo para lá e para cá, por falta de experiência, e ele então disse: "Parece um papagaio andando no poleiro". Agora, por esse e por outros homens, nós não tínhamos respeito nenhum. Os alunos da turma a que pertenci praticamente expulsaram alguns assistentes não qualificados, que trabalhavam em várias cadeiras, sem critérios ideológicos, por critérios estritamente de formação científica e de valor intelectual. Fernando de Azevedo passou por todos esses crivos. Sempre foi respeitado pelo jovem e sempre foi querido como alguém que merecia ser considerado como uma figura ímpar.

Há vários episódios nas relações com ele e vou contar um que foi muito doloroso para mim e ainda mais ainda para ele. Diz respeito à minha transferência de cadeira de Sociologia II para a cadeira de Sociologia I. O Professor Roger Bastide, que num dado momento precisava voltar para a Europa, colocou o Departamento diante do problema de que eu poderia ser a pessoa que deveria ficarem seu lugar. Fernando de Azevedo não gostou da história, porque foi uma interferência direta, em público, na estrutura da cadeira de Sociologia II. Ele não

perdia grande coisa mas, de qualquer maneira, queria ser o autor da iniciativa. Roger Bastide, que era uma espécie de santo em matéria de inocência e em outros aspectos, não teve o cuidado de verificar como uma transferência dessas envolvia uma negociação complicada. O fato é que comecei a trabalhar nas duas cadeiras, cheguei a dar 14 aulas por semana. No final não aguentei mais e tive, na sala do Dr. Fernando, uma briga seríssima com ele. Disse-lhe que o ponto de partida, o elemento que explicava a minha não transferência, era a sua atitude intransigente, intervindo para que eu não fosse transferido. Aí ele disse: "Florestan, vamos conversar, vamos conversar de coração para coração". Aí eu dei uma resposta da qual me arrependo amargamente: "Dr. Fernando, nós nunca mais conversaremos de coração para coração, nós conversaremos de cabeça para cabeça". Aí ele olhou, ficou ruborizado, e as lágrimas correram-lhe pelas faces. É um caso doloroso para se contar, mas importante para mostrar o quanto ele era amigo dos amigos e como ele se prendia às pessoas, se apaixonava pelas pessoas.

Da mesma forma, ele detestava o inimigo, enquanto tal. Eu promovi a reconciliação dele com algumas pessoas, sendo uma delas o Dreyfus. Na categoria de inimigo - já que anteriormente eles haviam sido muito amigos - Dreyfus era maltratado. Depois, houve a reconciliação e os dois abraçaram-se, e se trataram cordialmente. A mesma coisa aconteceu com Júlio de Mesquita Filho, que tinha o preconceito de que Fernando de Azevedo tinha servido à ditadura (do Estado Novo) e que pedagogo era pior que puta, porque é capaz de servir a qualquer um. Aproveitando uma festa que houve na Faculdade de Filosofia, ao lado da biblioteca, lá no porão, eu perguntei ao Dr. Fernando: "O senhor fala com Júlio de Mesquita Filho?". "Ele é que não vai querer me receber depois de todos os atritos que tivemos". Eu disse: "O senhor está muito enganado". Aí fui procurar o Dr. Júlio de Mesquita e falei: "Dr. Júlio, esse atrito entre o senhor e o Fernando de Azevedo é uma coisa boba; os senhores tiveram tanta importância na fundação desta Faculdade que é até uma vergonha para nós que os dois estejam em posições antagônicas. O senhor não quer ir comigo até o Fernando de Azevedo, para se abraçarem?" "Pois é, mas eu acho que ele está magoado comigo". Eu respondi: "Bom, vamos tentar". E lá fui eu acompanhando o Dr. Júlio e botando os dois em

contato. Imediatamente todo aquele mal entendido, que surgira em rancor, em agressões recíprocas desnecessárias, acabou. Abraçaram-se e passaram a conviver como antes e o Fernando de Azevedo voltou a escrever no "O Estado de S. Paulo". Comigo a coisa foi diferente porque, dado o fato que nós tínhamos um temperamento impulsivo e, praticamente, éramos capazes de ir à agressão, até ao extremo limite. Quando vi Fernando de Azevedo chorando, também chorei e ficamos ali como duas crianças a se abraçar e, naturalmente, ele disse: "Bom, eu vou tratar de ajudar você a resolver o caso". Assim nós tivemos o problema resolvido e as relações normalizadas.

Agora, no que diz respeito ao trabalho, seria impossível ter um chefe mais tolerante. Como Antonio Cândido falou, ele aceitava que nós nos dedicássemos ao trabalho que nós preferíssemos e nos apoiava de tal maneira que uma ocasião, por causa de minha tese de doutorado, havia por parte de um professor - Plínio Ayrosa - que era membro do Conselho Técnico e Administrativo, uma tentativa de me pegar pela exigência do período legal de apresentação da tese. Escrevi a primeira parte da "Função Social da Guerra", sobre a tecnologia guerreira, o que dava um volume datilografado suficientemente extenso para ser uma tese. Ai esse professor, que não era de pôr panos quentes, perguntou: "Todos entregaram a tese?" O Professor Eurípedes Simões de Paula respondeu: "Sim, todos". "Bem, eu quero ver a tese do Florestan", continuou Ayrosa. Quando ele a abriu na primeira página tinha um recado meu, escrito com letras garrafais: "Esta é a primeira parte do trabalho, a segunda será entregue quando estiver pronta. Florestan Fernandes". Ai o Professor disse: "Ele não fez e ainda nos manda um recado malcriado desses. O que temos de fazer é demitir o Florestan Fernandes". Fernando de Azevedo se levantou e disse: "Ele já tem uma tese aqui. E devo esclarecer a todos que ele é segundo assistente, mas não é assistente de segunda categoria...". No fim, ganhou a batalha e a minha defesa de tese se processou normalmente.

Isso tudo dá uma idéia do clima em que nós vivemos e do homem que Fernando de Azevedo era, que combinava audácia e altruísmo, generosidade e

uma disposição em se colocar ao serviço dos outros, algo raro num professor catedrático daqueles tempos.

Agora, passando a outras reflexões, um homem como esse, que tinha um sentido profundo da história, ele próprio se considerava uma figura histórica. Esse sentido da história não só o projetava num conhecimento da realidade brasileira, como também na auto-avaliação de si próprio. Ele era capaz de lembrar de tudo o que fazia, como se tudo constasse de uma crônica, já que possuía uma memória extraordinária. Isso vai até o fim da vida dele. Viviu com amargura e solidão, apesar do convívio com amigos, colegas e parentes. Ao mesmo tempo, porém, tratava-se de um homem que sabia que o Brasil não podia permanecer como nós nos encontramos até hoje. Ele não foi um pioneiro comemorativo, ele foi um pioneiro real - ele, Anísio Teixeira e outros. Hoje nós - e eu próprio cheguei a escrever sobre isso - sabemos que eles representavam uma tangente burguesa da educação. Tinha de ser, e nós mesmos estamos presos pela cabeça ou por outras partes do corpo a idéias e valores que não somos nós... que são o ídolo além da nossa história. Um homem como Fernando de Azevedo sofria muito dentro das limitações de uma sociedade que tentou modificar.

Aí nós podemos refletir sobre isso. Como uma pessoa pode transcender seu meio, pode transcender sua época, pode tentar melhorar esta relação dolorosa com o meio e com a obra, através de reformas que são simples e necessárias. A utopia, no caso, não era do tipo "substituição do capitalismo pelo socialismo". Era uma utopia de superação de etapas semi-capitalistas, paracapitalistas, para uma plenitude daquilo que o capitalismo pode oferecer, se ele realmente for capaz de proporcionar a todas as classes um mínimo de dignidade, esperança e meios de subsistência.

Por isso é muito interessante ver que Fernando de Azevedo estava praticamente preso dentro de uma espécie de gaiola da qual ele fugia pelas idéias, embora, no terreno da ação, tivesse feito muita coisa que deixo de arrolar. Ele fez muitas coisas. Não foi um mero inconformista, foi um reformista no sentido autêntico e pretendia alterar as instituições. Como sociólogo sabia que, para alterar

instituições, era preciso alterar a sociedade, a economia, a cultura, enfim, toda a civilização. Daí vem o grande enigma dessa personalidade que foi prisioneira de si própria porque teve a grandeza de ir além daquilo que um professor ou um educador poderia ser, dentro da tradição brasileira.

É claro que se fosse um conformista no sentido literal, Fernando de Azevedo teria tido tudo o que pudesse desejar. Teria ocupado os maiores cargos da República. Seu talento era reconhecido. Sua capacidade de ação era disputada e, no entanto, ele realizou reformas que se esvalçam, como se esvaíram outras desde Carneiro Leão, Anísio Teixeira, até aos últimos educadores que trabalharam nessa área. Não há continuidade na reforma pelas razões que ele apontou na Cultura Brasileira, nas amargas memórias que escreveu de sua vida, e nas reflexões que fazia conversando conosco.

Na fundação da Universidade de São Paulo foram cometidos grandes erros. Nós poderíamos dizer que foram erros liberais. O resultado da mudança não foi submetido ao controle. Por que? Porque a Universidade e a Faculdade de Filosofia, que deveriam enriquecer as classes dominantes de talentos, na verdade acabaram semeando a sociedade brasileira com rebeldes. Assim, 1964 e todos esses anos que nós vivemos, até o presente momento, constituem épocas em que a parte atrasada do Brasil acertou as contas com a inteligência radical dessa geração que continua a obra iniciada pelos abolicionistas. Passando pelos abolicionistas autênticos, pelos que negociaram com os fazendeiros, pelos tenentistas, pelos modernistas, pelos pioneiros da Educação Nova, chegam até hoje exprimindo-se nos ideais de partidos como o PT, cujo programa não é um programa explosivo. Ninguém está querendo dinamitar o Brasil, pelo menos na medida em que se lançou uma tentativa de solução representativa e pelo voto. O PT não se propõe a explodir o Brasil. Mas a eleição de um Lula constitui-se numa ruptura histórica como o passado. Porque, a partir do momento em que o Brasil puder eleger um homem como ele, todas essas coisas terão se alterado. O mesmo raciocínio pode ser aplicado a Fernando de Azevedo, a Anísio Teixeira e a outros. Se eles tivessem conseguido aquelas reformas dentro da ordem, as contradições se acelerariam e,

com a vontade ou contra a vontade deles, o Brasil acabaria evoluindo com muito maior velocidade em direções indesejáveis para as classes dominantes.

Um homem da sabedoria de Fernando de Azevedo vai a fundo nesse dilema. Não com subterfúgios, não com atitudes de um homem erudito como Oliveira Viana. Ele vai de peito aberto, disposto à luta, querendo a reforma. Parafraseando Antonio Carlos, Fernando de Azevedo dizia: "Façamos a revolução na escola antes que o povo a faça nas ruas". Está num dos livros dele, não tenho a citação aqui...

Feita a revolução nas escolas, o povo a fará nas ruas, embora essa vinculação não seja necessária. Na China, em Cuba, na Rússia, sem passar pela escola, o povo fez a revolução nas ruas. Mas, em um país como o Brasil, é necessário criar um mínimo de espírito crítico generalizado, cidadania universal e desejo coletivo de mudança radical para se ter a utopia de construir uma sociedade nova que poderá terminar no socialismo reformista ou no socialismo revolucionário. Eu prefiro a última alternativa. Fernando de Azevedo optaria pela primeira. Ambas são alternativas que nos põem no fluxo da história, embora eu não tenha a mesma relação de vontade, de poder que ele possuía: ser uma expressão histórica das forças intelectuais na sociedade brasileira.